

Apresentação

Currículo, Ortodoxia e Transgressão

Porquê uma edição que procura abordar o Currículo, tentando cruzá-lo com Ortodoxia e Transgressão, dois conceitos à primeira vista inconciliáveis? Apenas por mero prazer acadêmico em brincar com as palavras? Ou por nos encontrarmos, após um longo percurso trilhado, numa encruzilhada que nos obriga a fazer opções?

De facto, numa leitura mais superficial, aliada à história dos estudos curriculares, com raízes no Trivium e no Quadrivium, falar de currículo evoca a organização do saber em planos de estudos, compartimentando-o por disciplinas distribuídas por níveis de ensino e anos (ou semestres) de escolaridade, que por sua vez são hierarquizadas em categorias de primeira ou segunda classe, consoante a sua carga horária, obrigatoriedade de frequência e exigências de avaliação. Tendo surgido como reação à Escolástica medieval que deixava o aluno entregue a si próprio, desbravando por entre informação complexa e confusa, o Currículo encontra-se deste modo indelevelmente ligado à organização taxonómica do conhecimento, tendo em vista a sua simplificação para o ensino. O mapeamento do conhecimento por disciplinas exigia assim fronteiras rígidas a separá-las, nesse território tão vasto. E a partir de 1599, com a publicação da *Ratio Studiorum*, à organização do conhecimento é aliado um conjunto de regras de bem ensinar, cuidadosamente escrutinadas nas dozes províncias jesuíticas de então, inaugurando uma nova fase com foco nos procedimentos metodológicos, de que são exemplos a *Česká didaktika* de Jan Amos Komenský ou os Aforismos didáticos de Wolfgang Ratke, inspirados nos Aforismos de Bacon.

É essa ordem lógica e racional presente na organização do conhecimento e seus modos de transferência,

através de regras igualmente rígidas de ensino, na sua planificação, execução e avaliação, que nos faz pensar o currículo enquanto colete-de-forças, enquanto ortodoxia que nos aprisiona.

Mas, desencadeado pelo movimento de reconceptualização curricular, que, mais do que instituir, procurou compreender o que, de facto, se passava na escola, o currículo enquanto área de estudo e investigação, tem procurado dar agora mais atenção a vozes outrora marginais, vistas como transgressoras e, por isso, silenciadas por não se enquadrarem no desenho curricular ortodoxo delineado por quem detinha o poder. Esse foi o papel irrefutável de todo um conjunto de autores que integraram o movimento das correntes críticas e pós-críticas do currículo.

No entanto, num tempo fluido e efémero como o nosso, de verdades cada vez menos absolutas, a reflexão impõe-se: uma reflexão crítica e independente, que não hesita nem teme ir contra as master narratives.

O desafio maior foi então obter a anuência de um espectro alargado de autores, de cinco nacionalidades diferentes (por esse facto, com quatro textos em língua inglesa), para debater o currículo, sob o prisma da ortodoxia e da transgressão, quer defendendo a institucionalização do conhecimento como forma de empoderamento pessoal, quer admitindo e promovendo mesmo a transgressão do currículo de maneira a ir ao encontro das diversas mundividências que conferem identidade própria. Continua o currículo a ser sinónimo de ortodoxia? Permite ele alguma forma de transgressão? Haverá possibilidade de diálogo entre a standardização e a diversidade cultural?

Aqui estão as diversas posições.

De forma consciente, faço a opção pela transgressão da regra generalizadamente aceite de apresentar de forma sintética o trabalho de cada um, pois penso que qualquer tentativa nesse sentido limitaria a apreensão do pensamento dos autores, filtrado através das minhas próprias lentes subjetivas.

Fiz também a opção por elencar os autores seguindo a ordem alfabética, precisamente para contrariar a categorização entre os mais e os menos importantes, porque todos eles são igualmente merecedores da minha e nossa admiração pelo trabalho desenvolvido em prol do Currículo.

São eles:

Carlos Nogueira FINO, que aborda “Inovação Pedagógica e Ortodoxia Curricular”;

Sylvi Stenersen HOVDENAK e Eline F. WIESE, que discutem a “Profissionalidade Docente e a Mudança Curricular – a tensão entre Governance, Controlo e Profissionalidade na Escola”.

Roberto Sidnei MACEDO e Denise GUERRA, que trazem à discussão os “Instituintes Culturais da Experiência Curricular-Formativa: Bases Teóricas para um Etnocurrículo”.

Antonio Flavio MOREIRA e Paulo Melgaço da SILVA JÚNIOR, que tratam de “Currículo, Transgressão e Diálogo: quando Outras Possibilidades se Tornam Necessárias”.

José Carlos MORGADO, a olhar “O Professor como Decisor Curricular: de Ortodoxo a Cosmopolita”.

José Augusto PACHECO e Joana SOUSA, analisando “O (Pós) Crítico na Desconstrução Curricular”.

João M. PARASKEVA, que pega na metáfora “Feios, Sujos e Malvados: Rumo a um Currículo Não-Abissal”.

Liliana RODRIGUES, que acredita em “Transgredir para Empoderar - O Empoderamento das Jovens Mulheres pela Educação”.

Tim RUDD e Ivor F. GOODSON, abordando a “Refração como Ferramenta de Compreensão da Ação e Ortodoxia e Transgressão Educativas”.

Jesus Maria SOUSA, que considera que se deve “Repensar o Currículo como Emancipador”.

E finalmente, Michael ULJENS, a levantar a seguinte questão: “Teoria Curricular não Afirmativa numa Era Cosmopolita?”

Espero assim que o leitor tenha momentos de leitura bem proveitosos.

Jesus Maria Sousa
Universidade da Madeira